

**Trabalho preparado para a apresentação no XIII Seminário Discente da Pós-graduação em
Ciência Política da USP**

**A visão Conservadora e Progressista para a América Latina no século XXI: uma
análise a partir dos Think Tanks norte-americanos**

Autora: Laura Pimentel Barbosa
e-mail: laura.pimentelbarbosa@gmail.com
Universidade de São Paulo.
Programa de Pós-graduação em Ciência Política.
Financiamento: CAPES.

São Paulo
2023

RESUMO

Nos Estados Unidos, os Think Tanks são a base do Regime de Conhecimento nacional, ou seja, formam o conjunto de institutos politicamente orientados que desenvolvem e propagam ideias políticas, e buscam influenciar a agenda e a opinião pública. Neste trabalho, estamos interessados em entender como os Think Tanks Conservadores e Progressistas norte-americanos se posicionam em relação à América Latina e o Brasil, especialmente no que se refere à relação do subcontinente com outras potências, como China e Rússia; além disso, buscamos identificar quais propostas esses institutos apresentam para direcionar as relações entre os Estados Unidos e a América Latina. Para nossa pesquisa, criamos um banco de dados próprio dos mais importantes Think Tanks norte-americanos a partir dos principais repositórios de Think Tanks disponíveis, a partir do qual foram selecionados os institutos cujo material foi analisado. A partir da Análise Qualitativa de Conteúdo dos materiais produzidos por Think Tanks conservadores e progressistas sobre a América Latina e o Brasil entre 2016 e 2020, nós pudemos identificar as diferentes perspectivas desses institutos sobre a situação do subcontinente em termos de segurança e defesa, geopolítica, e em relação à atuação dos EUA na região.

Palavras-chave: Regime de Conhecimento. Think Tanks. Estados Unidos da América. Polarização. Política Externa. América Latina.

1. Introdução

Neste trabalho, estamos interessados em estudar o campo da formulação de ideias políticas no contexto norte-americano, e em analisar como os Think Tanks ideologicamente orientados se diferem, e se assemelham, em suas perspectivas sobre a América Latina e o Brasil no século XXI. Como observam Béland e Cox, investigar como as ideias são formadas, propagadas, e interferem nas decisões políticas é uma tarefa difícil, mas avanços têm sido observados na medida em que novas abordagens são desenvolvidas e incorporadas nesses estudos (BÉLAND et al., 2010). Nesse sentido ideacional, buscamos ampliar modestamente nosso entendimento sobre a relação entre polarização e a circulação de ideias políticas em política externa nos Estados Unidos.

Nos Estados Unidos, o conjunto de institutos no qual as ideias, propostas, projetos – e, no limite, ideologias – são desenvolvidas, articuladas, e propagadas é composto principalmente pelos chamados Think Tanks (CAMPBELL; PEDERSEN, 2014, cap. 02). Os Think Tanks podem ser definidos, conforme McGann (2014; 2017), como institutos de análise, pesquisa, e aconselhamento político. Outros autores ajudaram a expandir as definições de Think Tanks. Aqui, destacamos como Richard N. Haas insere na definição dos Think Tanks a noção de portas giratórias (*revolving doors*), caracterizando os Think Tanks como espaços de treinamento e de atuação para especialistas se manterem atualizados e relevantes, assim como acessíveis aos policymakers (Haas 2002). Mais recentemente, Thomas Medvetz (2014), em seu estudo sociológico sobre as tensões entre expertise, ativismo e ideologia, caracteriza os Think Tanks como institutos híbridos, organizações que existem numa zona considerada indeterminada entre expertise, fabrica de ideias, política, e mídia.

Os primeiros estudos sistemáticos sobre Think Tanks norte-americanos começam na década de 1970 (DICKSON, 1971). Estudos posteriores seriam importantes para compreender melhor o que os Think Tanks fazem, e para tentar avaliar sua influência, e indicaram que medir a influência desses institutos é difícil, mas que eles tem importância na propagação de ideias e propostas no debate público (DROR, 1984; GRAY, 1977; ORLANS, 1972). Nos anos 1990, esse campo de estudo se fortalece nos Estados Unidos com análises sistemáticas sobre a evolução, propagação, e polarização dos Think Tanks (FISCHER, 1991; MCGANN, 1992; RICCI, 1994; WEAVER, 1989).

Estudos sobre o papel dos Think Tanks na formulação da política externa norte-americana também se tornaram um foco importante (ABELSON, 1995, 2006; PARMAR, 2004; STONE; HIGGOTT, 1994). Por seu turno, Diane Stone desenvolveu um estudo importante específico

sobre como os Think Tanks buscam propagar suas ideias para além dos policymakers, formando redes com outros tipos de institutos, assim como a nível internacional, com comunidades epistêmicas (STONE, 1996). Mais recentemente, vemos estudos sobre como Think Tanks formam redes internacionais em países em desenvolvimento, e inspiram a criação de institutos análogos nesses países (MCGANN, 2019; STONE, 2013),

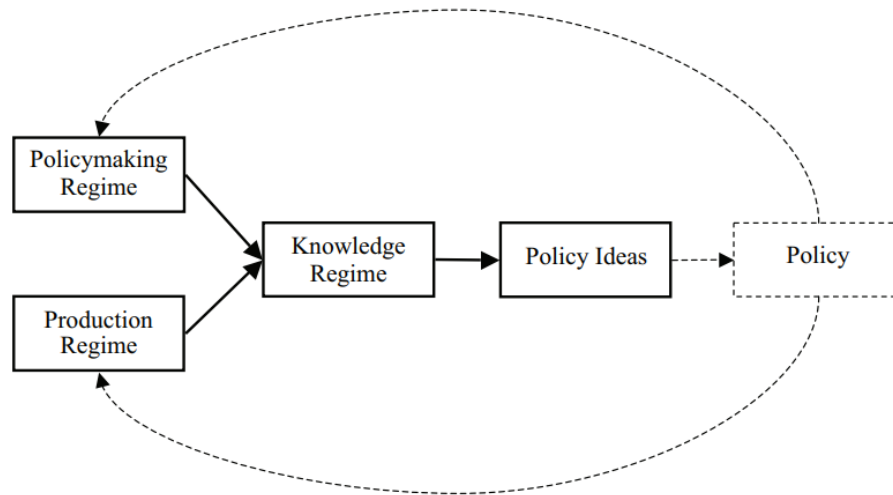
O trabalho de Tatiana Teixeira é um dos pioneiros para a área de estudos no Brasil, sendo focado no papel de Think Tanks conservadores na formulação da política externa americana no pós-11 de setembro (TEIXEIRA, 2006). Nesse mesmo período, David Magalhães investigou o papel dos Think Tanks neoconservadores e liberais na formulação de ideias para a reconstrução do Iraque (MAGALHÃES, 2008). Sobre a evolução dos Think Tanks norte-americanos, José Victor Regadas Luiz (LUIZ, 2017) desenvolveu uma interessante investigação sobre os Think Tanks conservadores focada no papel do intelectual público conservador/libertário, investigando como esses intelectuais construíram sua rede de atuação a partir de uma argumentação contra a pretensa neutralidade ideológica do “consenso liberal” na Academia e mídia (MASON; MORGAN, 2019). Em seu trabalho doutoral, Luciana Wietchikoski desenvolveu uma pesquisa voltada a analisar como os principais institutos norte-americanos interpretaram a ascensão brasileira no cenário internacional, e no contexto da institucionalização dos BRICS, sob uma ótica da abordagem construtivista das Relações Internacionais (WIETCHIKOSKI, 2021).

Destacamos trabalhos sobre as relações entre Think Tanks libertários dos EUA com institutos brasileiros (ARALDI; SVARTMAN, 2020; FARIA; CHAIA, 2020). Por seu turno, Camila Vidal, Luan Brun, e Jade Lopez, tem contribuído com a forma como institutos libertários e conservadores buscam formar redes com Think Tanks e líderes políticos brasileiros, e na América Latina em geral (VIDAL; LOPEZ, 2022; VIDAL; LOPEZ; BRUM, 2020). Destacamos também o importante trabalho de Ana Claudia Pinheiro (PINHEIRO, 2019), que desenvolveu uma revisão bibliográfica integrativa dos trabalhos sobre Think Tanks no Brasil, identificando quais os principais problemas tratados, as principais abordagens, e os autores mais citados em artigos e outros tipos de trabalhos acadêmicos.

Neste trabalho, buscamos contribuir com essa agenda de pesquisa ao examinar as diferenças nas perspectivas entre institutos Conservadores e Progressistas sobre o Brasil e América Latina de forma ampla e em perspectiva comparada. Para nosso trabalho, nós nos baseamos na perspectiva desenvolvida pelos cientistas políticos John L. Campbell e Ove K. Pedersen, que trabalham os Think Tanks a partir do conceito de “Regime de Conhecimento” (Knowledge Regimes) (CAMPBELL; PEDERSEN, 2014). Segundo Pedersen e Campbell,

“Regimes de Conhecimento são a maquinaria institucional e organizacional que gera informações, pesquisas, recomendações políticas, e outras ideias que influenciam o debate público e a formulação política” (CAMPBELL; PEDERSEN, 2014, loc. Kindle 248-249).

Figura 1 - A dinâmica dos Regimes de Conhecimento



Pedersen; Campbell, 2014, p. 18

Outra função importante dos Regimes de Conhecimento é “dar sentido” aos problemas, ao emoldurar os problemas que policymakers encontram, especialmente em situações de mudanças, crises e incertezas, ajudando-os a interpretar os problemas e justificar novas soluções (CAMPBELL; PEDERSEN, 2014, loc. Kindle 855-859). Importante destacar que o conceito de Regimes de conhecimento não se confunde com o conceito de “comunidades epistêmicas” (HAAS, 1992), que se refere às redes mais ou menos formais criadas a partir das interações entre cientistas, experts, ou formuladores de políticas públicas a nível internacional. A grande diferença, nesse caso, é que o Regime de Conhecimento funciona como um “filtro” nacionalmente específico pelo qual as ideias que circulam internacionalmente podem passar e ser adaptadas e distribuídas.

Segundo Rich (2005), McGann (2014) e Abelson (2016), a evolução dos Think Tanks nos Estados Unidos pode ser organizada em 4 fases. A primeira se refere praticamente à primeira metade do século XX, uma segunda fase se inicia após a Segunda Guerra Mundial em resposta aos desafios impostos pela própria guerra, e às novas demandas por conhecimento em relações internacionais e segurança e defesa. Nesse período, os Think Tanks se consolidam como importantes institutos voltados a aconselhar policymakers, e importantes atores no debate público especializado em política externa. A terceira fase começa na década de 1970, quando se observam Think Tanks mais ativistas, declaradamente ideológicos, interessados em participar mais da discussão em veículos midiáticos, e adotando estratégias de marketing mais

incisivas, se associando a revistas e buscando inserir seus scholars no debate público. Esse processo de transformação do cenário dos Think Tanks foi estimulado principalmente pelos institutos conservadores, dos quais destacamos a Heritage Foundation (1973). Abelson (2016) indica ainda que uma quarta fase de Think Tanks começa em 1990 e se segue até 2015, na qual institutos de legado se proliferam. Pedersen e Campbell, por seu turno, indicam a necessidade de avaliar se uma nova onda de Think Tanks teria começado após a crise econômica de 2008-09, dados os novos temas e incentivos gerados pela crise, e a necessidade de investigar esse processo sob a perspectiva da polarização político-ideológica no país.

Neste trabalho, vamos nos concentrar no conteúdo produzido por esses Think Tanks ideologicamente orientados, a partir do material produzido entre 2016-2020, a partir do qual podemos identificar tendências nas ideias e propostas produzidas por esses institutos sobre a América Latina e o Brasil em particular.

1.1. Notas metodológicas

Nosso trabalho se dedica a entender como institutos progressistas e conservadores se diferenciam em termos de ideias e propostas para a América Latina, especialmente na análise da relação entre a região e outras potências, como a China e a Rússia, e como enquadram a atuação dos EUA na região. Para isso, nós nos baseamos em um banco de dados próprio dos principais Think Tanks norte-americanos. tomamos por base os principais repositórios e listas de Think Tanks disponíveis online, incluindo o repositório da universidade de Harvard e de outras universidades e centros de pesquisa sobre Think Tanks, de tal modo que nosso levantamento pudesse representar, se não todos, ao menos os principais Think Tanks criados desde 1910 a 2020. Em nossa amostra, para evitar distorções, levamos em consideração apenas institutos que continuavam ativos na época da coleta de dados.

Ao final, conseguimos identificar cerca de 970 institutos ($n = 973$), a partir de um total estimado de cerca de 2203 institutos desse tipo nos Estados Unidos (McGann 2021, 44), assim, nossa amostra, feita a partir dos principais repositórios públicos disponíveis em sites da internet, nos permite assumir que reflete a tendência dos principais Think Tanks do país. Nós trabalhamos com 496 documentos de 21 institutos declarados ou identificados como “Progressistas”, e 100 documentos ($n = 100$) de 12 institutos “Conservadores”, todos publicados entre 2016 e 2020 que tratam especificamente da América Latina e Brasil. No caso dos documentos focados no Brasil, encontramos publicações apenas até 2019.¹

¹ Alguns analistas consideram que a Brookings Institute e a Wilson Center seriam institutos progressistas, e de fato esses institutos podem ser vistos dessa forma considerando que ambos se relacionam, de alguma forma, com importantes figuras progressistas e com projetos associados ao progressismo (como a relação entre os scholars

Para fins de nosso estudo, realizamos uma Análise Qualitativa de Conteúdo (QCA) (MAYRING, 2000; SCHREIER, 2012). A QCA é uma forma de explorar textos e analisá-los de forma sistemática, mas permite a flexibilidade necessária a esse tipo de abordagem metodológica. Primeiro, definimos o quadro de temas (códigos) que vão guiar nossa análise. A partir de uma análise primária do material, identificamos e atribuímos subcódigos (subsumidos aos códigos-chave) ao conteúdo analisado, num processo definido como codificação aberta, sendo a unidade de análise os parágrafos do texto, ou, em caso de textos muito curtos, mais de um parágrafo.

Buscamos identificar como esses institutos tratam a América Latina e o Brasil com base em 8 temas (códigos-chave): governança, economia, meio-ambiente, geopolítica, segurança e defesa, migração, Direitos Humanos, e atuação dos EUA. Com base nessa primeira codificação, nós observamos as temáticas mais frequentes em cada código, num processo chamado de “codificação aberta”, a partir do qual nós pudemos compreender melhor as principais questões abordadas nesses documentos. Por questões de espaço, neste trabalho, vamos nos concentrar nos códigos geopolítica, segurança e defesa, e atuação dos EUA. No quadro abaixo, apresentamos as definições que guiaram a codificação desses códigos-chave.

Ainda, por estarmos interessados não apenas em codificar, mas identificar como esses temas se relacionam entre si no texto, e ampliar os dados para análise, nossa abordagem permitiu a atribuição de mais de um código-chave para uma mesma unidade de análise, sendo os parágrafos dos textos, ou mesmo o texto inteiro quando necessário. O recurso computacional usado para essa análise foi o software MAXQDA.

2. Think Tanks ideológicos e as perspectivas sobre a América Latina e o Brasil

Antes de seguirmos para os itens em que vamos nos concentrar, cabem algumas observações gerais sobre o que observamos em nossa análise do conteúdo desses institutos. Para os institutos Progressistas, nós observamos uma ênfase em Governança, Direitos Humanos, e Meio-ambiente.

da Brookings e o governo de Lyndon B. Johnson na formulação do projeto da “Grande Sociedade”). Mas não usamos o material desenvolvido por esses institutos aqui porque, de acordo com nossa classificação a partir de suas declarações de missão, esses institutos foram classificados como Centro/inclinação progressista.

Tabela 1 - Livro de Códigos (resumido)

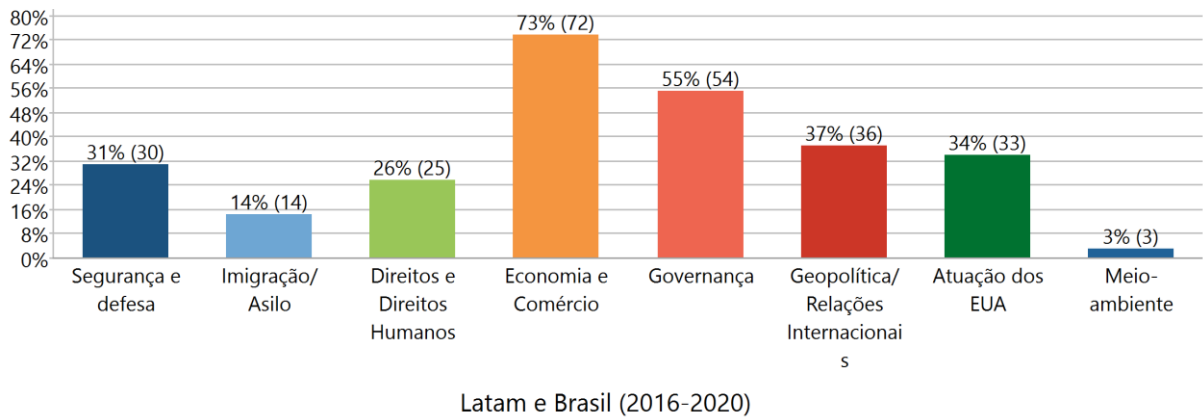
Código-chave	Definição-código	subcódigos
Meio-Ambiente	Temas ligados a meio ambiente e aquecimento global.	Desmatamento; Desenvolvimento sustentável; agroecologia; Mudança Climática; Campesinato e povos indígenas.
Atuação dos EUA	Menções a atuações específicas dos EUA na região: esse código engloba desde apoio técnico e financeiro a políticas públicas. Também entram menções a sanções, acordos econômicos e de cooperação técnica em outras áreas.	Assistência/apoio técnico; Colaboração Militar/inteligência; Relações Diplomáticas/Interferência política; Investimentos/Comércio; Controle migratório/segurança das fronteiras; sanções.
Geopolítica/Relações Internacionais	Temas relacionados à relação geopolítica da região com potências (EUA, Rússia, China, UE). Relação geopolítica entre países da região, e acordos multilaterais entre eles.	China; Rússia; Irã; Organizações Internacionais; Instabilidades regionais; Acordos multilaterais regionais.
Governança	Temas relacionados à qualidade dos governos da região; inclui temas como corrupção, políticas públicas, implementação e avaliação do políticas públicas, reformas institucionais. Também entram nesse código processos eleitorais, relação sociedade civil e Estado, reformas no sistema eleitoral, eleições, e reformas constitucionais.	onda rosa; menções contra ideológicas; Eleições/processo eleitoral; sistema democrático; Ditadura/Golpe de Estado; Welfare; Corrupção; movimentos sociais; judiciário.
Economia	Temas relacionados a economia e comércio, incluindo IED.	Política econômica; comércio/commodities; IED (infraestrutura e tecnologia); menções contra ideológicas (capitalismo e neoliberalismo).

Direitos e Direitos Humanos	Menções a temas relacionados a Direitos Humanos.	violência contra negros e indígenas; violência urbana; violência política; violência contra a mulher; Direitos Reprodutivos; liberdade política/de expressão.
Imigração	Temas relacionados a migração, políticas relacionadas ao recebimento de migrantes e pedidos de asilo. Acordos relacionados ao controle (restrição ou facilitação da migração) também entram nesse código.	imigração de não latinos para a AL; fluxo de migração regional; imigração para os EUA.
Segurança e Defesa	Temas diretamente relacionados à segurança e defesa.	segurança nas fronteiras; crime organizado; Guerra às drogas; terrorismo.

elaborado pela autora

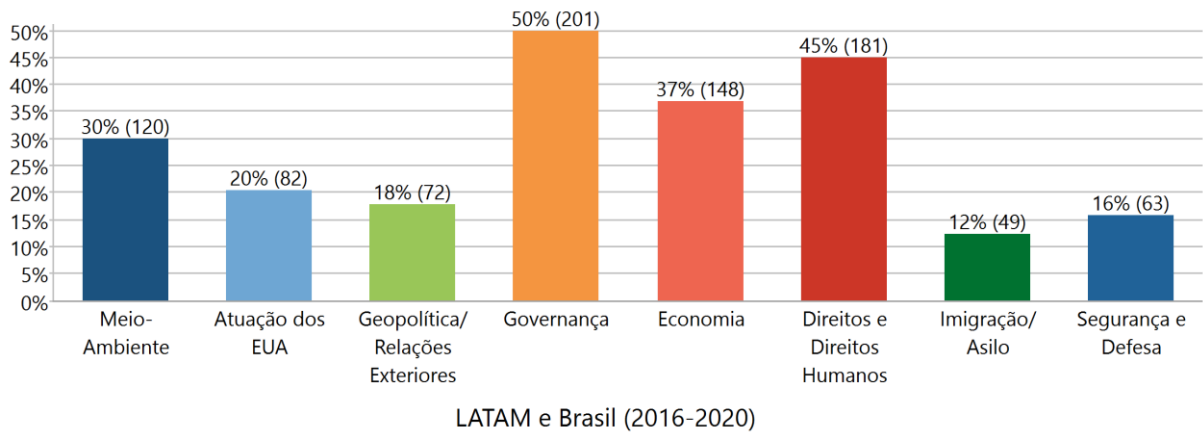
Por seu turno, para os institutos conservadores a ênfase está em questões econômicas, geopolítica e governança, além dos temas de segurança e defesa que também se destacam, por outro lado, meio-ambiente figura de forma muito discreta. Não há, por exemplo, documentos com foco específico sobre o Brasil publicados por esses institutos no ano 2020, de modo que, para o país, nossa análise segue as publicações entre 2016 e 2019. Ainda neste conjunto, observamos que os documentos com foco no Brasil são menos frequentes, sendo que entre os institutos progressistas o Brasil tem maior espaço, especialmente na questão de corrupção e meio-ambiente.

Figura 2 - Estatísticas de Códigos-chave (LATAM e Brasil) para institutos Conservadores



elaborado pela autora

Figura 3 - Estatísticas de Códigos-chave (LATAM e Brasil) para institutos Progressistas



elaborado pela autora

2.1. Perspectivas e recomendações

2.1.1. Institutos Progressistas

Dentre os institutos progressistas de maior destaque aqui, mencionamos o Washington Office for Latin America (WOLA), e o Council on Hemispheric Affairs (COHA). Para esses

institutos, a relação entre Estados Unidos e América Latina se dá num clima híbrido em que a potência norte-americana deve evitar interferências políticas mas, ao mesmo tempo, deve fornecer o apoio necessário para esses países em diversas frentes, especialmente no combate à corrupção, combate à pobreza, e auxiliar nas questões migratórias (ISACSON; MEYER; SMITH, 2017). Por outro lado, também existe uma vertente, melhor representada pelo COHA, que enquadra o papel dos EUA sob outra ótica; os EUA como um poder imperialista e autoritário, que deveria se afastar ao máximo dos países latinos. Essa opinião é muitas vezes reforçada pelo histórico de interferência norte-americana na região, em especial durante a Guerra Fria.

Esse posicionamento é ainda mais evidente nas publicações do instituto referentes à situação política de Venezuela. Segundo o COHA, a ascensão de Hugo Chávez na Venezuela representou uma virada em direção à autonomia política e antineoliberal, servindo de exemplo para os outros países latinos. Contudo, segundo o instituto, a permanência de uma política externa autoritária por parte dos EUA fez com que a Venezuela se tornasse o principal alvo das aspirações imperialistas da potência norte-americana. Nesse sentido, os EUA estariam cooptando outros países da região, como a Argentina e o Brasil (pós-Dilma em especial), assim como organizações não-governamentais, como a Organização dos Estados Americanos (OAS, na sigla em inglês), para desqualificar tanto Hugo Chávez quanto seu sucessor Nicolás Maduro.

Ainda sobre as sugestões de atuação dos EUA na região, destaca-se as relações entre EUA e Argentina, em especial em acordos de segurança e defesa. Nesse caso, segundo o COHA, a Argentina estaria seguindo uma política externa subserviente, tornando-se um peão no jogo norte-americano de isolar a Venezuela – e qualquer outro país que queira seguir um caminho antineoliberal e independente (ROSALES, 2018).

Também há menções à aliança entre EUA e Colômbia, sendo esse um dos países que mais recebeu apoio financeiro e técnico dos EUA, especialmente para o combate ao narcotráfico. Nesse aspecto, o estímulo norte-americano à “guerra às drogas” na Colômbia, e na América Latina como um todo, transformando essa questão em problema de segurança nacional, é visto de forma muito crítica por todos os institutos que tratam do tema. Por um lado, essa influência teria fortalecido o papel das forças militares na segurança pública, estimulando a violência, por outro, teria politizado essas mesmas forças, intensificando o problema polarização política.

A tendência desses institutos é a de serem críticos à forma como os EUA promoveu a sua política de Guerra às Drogas para o hemisfério, associando-a à militarização das forças policiais, violência policial e política, e corrupção. De acordo com o WOLA, a tendência nos países latino-americanos de rever a política de drogas, inclusive buscando regulamentar o uso

dessas substâncias, como ocorreu no Uruguai, seria o melhor caminho para resolver os problemas de segurança na região, domésticos e regionais.

Por fim, cabe mencionar a aproximação dos países latinos com países considerados inimigos dos Estados Unidos, como o Irã. Segundo o COHA, os EUA não teriam motivos para esse tipo de preocupação; o Irã estaria se aproximando da América Latina meramente por razões comerciais. No caso venezuelano, a aproximação com o Irã representaria uma aliança ideológica e política em busca da interdependência e multipolaridade, e ajuda a avançar a “agenda socialista” do país (LAFASO, 2016).

No que se refere à relação entre América Latina & Caribe com outras potências, como a China e Rússia, vemos preocupações relacionadas à necessidade da América Latina por investimento que aquelas potências estão dispostas e oferecer, mas alertam para perigos em termos de governança e, principalmente, meio-ambiente. há o alerta de que a China expressa pouca preocupação com o meio-ambiente – um tema de grande importância para os institutos Progressistas, como vimos. Em alguns documentos vemos críticas a esses projetos, denominados “exploradores e insustentáveis” em termos ambientais. Em seguida, em termos econômicos, COHA chama a atenção para a ideia de “recomodificação” (*recommodification*) da região, ou seja, a demanda chinesa por commodities latino-americanas estaria estimulando investimento em atividades agrícolas e extrativistas, desviando recursos que deveriam, segundo o instituto, ser usados para industrializar a região, e torná-la mais autônoma, superando a “dependência”, mas de forma ambientalmente sustentável (GUSTAFSON, 2016).

Por outro lado, o papel da Rússia recebe menos destaque em função da sua atuação mais restrita a alguns países, muitas vezes voltada ao comércio de armas e materiais bélicos, assim como alguns projetos menores em petróleo, mineração, energia nuclear e infraestrutura. Mas há a indicação de que o país poderia e deveria se envolver mais na região, desde que os países busquem se proteger dos “aspectos mais ameaçadores” do envolvimento russo. Nesse sentido, a COHA recomenda que os EUA reconheçam que os países latinos têm autonomia para se aproximarem de outras potências sem que isso se torne uma questão de segurança nacional para o país norte-americano, e que os EUA deveriam adotar a postura de um bom parceiro comercial, mas evitar muitas interações políticas que direcionem a política econômica desses países (ELLIS, 2018).

Nesse ponto, cabe destacar a ambivalência em relação à China. Embora a busca de novos parceiros não ocidentais é vista como uma forma de “amortecer” o poder norte-americano, e essa busca é considerada proveitosa, a falta de preocupação ambiental e humanitária por parte da China, evidenciada em suas práticas econômicas na região, são vistas como preocupantes.

Por outro lado, há menções ao isolamento econômico da região cada vez maior em relação à Europa e aos EUA, e a falta de investimento advinda dessas regiões como algo negativo. Mas não encontramos propostas específicas sobre como os países devem se portar em relação a essas questões.

2.1.2. Institutos Conservadores

Para os institutos Conservadores, os problemas de seguridade e as relações da América Latina com outras potências internacionais estão fortemente correlacionados. No tópico de Segurança e Defesa, as ameaças aos EUA, especialmente o terrorismo, são centrais. Do mesmo modo, a preocupação com restaurar a segurança na América Central e evitar instabilidades regionais que ameacem o posicionamento dos EUA na América Latina são temas importantes.

Seguindo essa perspectiva, as ameaças do crime organizado/tráfico de drogas implicam em violência e instabilidade que desestruturam as relações entre os países da região, e entre esses países e os EUA – implicando em fragilização do posicionamento dos EUA na região. Casos em que os governos estão associados a esses grupos são especialmente preocupantes, como os documentos que alertam para a aproximação entre membros do governo de Maduro na Venezuela e traficantes de drogas (HIDALGO, 2018, Cato Institute; QUINTANA, 2016a, Heritage Foundation).²

Outro ponto levantado é como o tráfico de drogas na região pode servir de fonte de receitas para grupos terroristas hostis aos EUA. Por exemplo, em um relatório da Center for Security Policy, o instituto alerta para alguns casos em que grupos terroristas iranianos e patrocinados pelo país se envolveram com cartéis do México e com membros do governo venezuelano de Maduro para participar do tráfico de drogas na região. Nesse sentido, o tráfico de drogas e o terrorismo constituem ameaças duplas: ameaças para os países da região e especialmente ameaças de segurança nacional para os EUA (FLEISCHMAN, 2018a, CSP).

A América Latina é vista como uma região que tem sido permissiva com o terrorismo, ao menos por omissão, permitindo com que grupos terroristas se estabeleçam na região, desenvolvam ligações com grupos criminosos, e se fortaleçam (BERMAN, 2017, AFPC). A preocupação, portanto, é como esses países estão criando um framework legal para lidar com esse problema, e nesse ponto o Brasil é um caso importante. Num relatório da Center for a Secure Free Society, o autor argumenta que o Brasil tem se tornado uma referência latino-americana no combate ao terrorismo, e a primeira lei antiterrorista do país aprovada em 2016 é

² O Departamento do tesouro norte-americano declarou vários membros do governo Maduro como traficantes internacionais de drogas. Conf. (US DEPARTMENT OF THE TREASURY, 2018).

um marco importante para a região. O autor afirma que até 2016 o país era um “safe haven” (porto-seguro) para grupos terroristas islâmicos (COUTINHO, 2017, Center for a Secure Free Society). Essas leis seriam complementares para o combate da ameaça do crime organizado de modo geral, que é também um problema mencionado em documentos focados no Brasil para esse código (HIDALGO, 2017, Cato Institute; LORENZON, 2017, Cato Institute).

Aqui cabe uma observação em relação à posição da Cato Institute em um aspecto importante desse tema: a questão da “Guerra às Drogas”. Como observamos em capítulo anterior, o libertarianismo e o conservadorismo (em suas diversas vertentes) divergem muito em relação a alguns temas, especialmente imigração e, em termos de segurança e defesa, a questão da Guerra às Drogas é um dos temas em que as disputas mais aparecem. A Heritage Foundation apoia a política de Guerra às Drogas patrocinada pelos EUA na América Latina nos últimos 30 anos, e adota uma postura rígida em relação à produção de coca na Colômbia (QUINTANA, 2016b, Heritage Foundation). Por seu turno, o instituto libertário Cato Institute afirma que a Guerra às Drogas foi responsável por desestabilizar as sociedades, corromper as forças de segurança e outras instituições governamentais, e estimulou a violência (CATO INSTITUTE, 2017).

Outras observações referentes às forças que geram instabilidades regionais estão relacionadas à interferência estrangeira de países adversários, ou mesmo hostis, aos EUA, como o Irã e a Rússia. Primeiro, destacamos a ênfase em ameaças terroristas por meio da aproximação do Irã com países latino-americanos, especialmente aqueles cujos governos adotam uma postura contra norte-americana, como o governo de Maduro na Venezuela. Nesse aspecto, o Center for Security Policy elaborou um relatório mais longo, relatando que a presença política do Irã tem se ampliado a partir do momento em que Hugo Chávez assumiu o poder na Venezuela e passou a desenvolver uma agenda transnacional disruptiva - agressiva e expansionista em sua tentativa de promover o “Socialismo para o século XXI” na região (FLEISCHMAN, 2018a, CSP).

No que se refere à aproximação da América Latina com a China e Rússia, o foco da análise está na defesa e segurança e na busca por garantir a segurança da área de influência norte-americana. O exame da estratégia chinesa de contrabalançar o poder dos EUA tanto na região quanto no cenário internacional de modo geral é especialmente importante (Ex: CROPSEY, 2018, Hudson Institute).

As instabilidades regionais são vistas como as principais portas de entrada para essas potências rivais aos EUA na região. A American Foreign Policy Council, por exemplo alerta para os possíveis usos desses recursos concedidos pela Rússia para o financiamento de grupos

armados, como algumas células das FARC, grupos terroristas, e crime organizado. O apoio da Rússia a forças insurgentes da região por meio desses empréstimos é considerado um problema de segurança tanto para a AL quanto para os EUA (BLANK, 2017, AFPC). Outra observação específica em relação às intervenções russas na AL é a forma como Moscou se utiliza dessas instabilidades regionais para obter ganhos geopolíticos contra os EUA, como bases militares na ilha de La Ochila, na Venezuela, oferecida por Hugo Chávez. Eventos como esses podem ficar mais comuns na medida em que instabilidades regionais aumentam (BLANK, 2018 AFPC).

Todos esses institutos são unânimes em afirmar a necessidade de examinar com cuidado a aproximação da China com a AL, visto que essa aproximação vai além do interesse comercial, constituindo-se como uma estratégia para contrabalançar o poder dos EUA no cenário internacional a partir de sua própria área de influência - além de usar o subcontinente como fonte de recursos importantes para o crescimento econômico chinês nos próximos anos (EX: CROPSEY, 2018, Hudson Institute; EX: KELLY, 2017, Hudson Institute).

Alguns exemplos ajudam a ilustrar essas posições e preocupações. No Caribe, a Gatestone Institute fala sobre os investimentos em projetos turísticos e construção de portos, e aponta o risco de que esses investimentos sejam também com a intenção de confrontar os EUA em uma área muito próxima à costa norte-americana - criando uma situação análoga à presença dos EUA no mar do sul da China. A construção de aeroportos também é vista como um risco, pois esses portos, segundo o instituto, poderiam funcionar como bases militares, ameaçando os EUA (FRANKLIN, 2020, Gatestone Institute). No Panamá, a Heritage fala sobre como projetos de infraestrutura patrocinados pela China servem para enfraquecer as relações entre Panamá e EUA (ROBERTS, 2020, Heritage Foundation). No Brasil, relatório da Center for a Secure Free Society aponta para os riscos de segurança na medida em que a China se torna a principal parceira em projetos de telecomunicações, e também em tecnologia espacial no país (COUTINHO, 2019, Center for a Secure Free Society). Em outras palavras, os institutos alertam para o controle que a China tem adquirido da infraestrutura e projetos de tecnologia na AL e as motivações ocultas desses empréstimos, que vão desde uma "diplomacia da dívida" até a provocação direta aos EUA, passando por vigilância e monitoramento de governos.

Em termos de direcionamentos para os EUA a médio e longo prazo, vemos a reafirmação da importância de tornar o México cada vez mais um parceiro estratégico não apenas em termos comerciais como também geopolíticos. Nesse ponto, observamos a ênfase em conselhos para que os EUA busquem ampliar o auxílio técnico – incluindo intercâmbio tecnológico – para facilitar a segurança nas fronteiras e o combate à imigração, assim como combater a ameaça terrorista associada aos fluxos de imigração de não latinos (BENSMAN, 2018, CIS).

Outros artigos na mesma linha nos levam a observar que os institutos conservadores veem os EUA como um ator com potencial positivo para o mundo por representar os ideais de democracia, liberdade, Direitos Humanos, e Estado de Direito. Uma postura internacional que não leva em conta esse potencial é vista como negativa para a posição norte-americana no cenário internacional e para os outros países democráticos. Por isso, interesses econômicos por si só, embora importantes, não deveriam guiar a política externa dos EUA para a América Latina.

Nesse sentido, conforme a Center for Security Policy, os EUA devem reconhecer que tem perdido espaço, e encontrar oportunidades de se aproximar desses países, especialmente por meio do apoio ao Estado de Direito e à Democracia, preocupações consideradas inexistentes por parte da China. Assim, incorporar os países latinos em alianças democráticas deve ser uma atuação chave da política externa norte-americana no longo prazo (FLEISCHMAN, 2018b, CSP). Outra proposta, essa evocada unicamente pela Cato em vários documentos, é uma revisão na forma como os EUA atuam na Europa Oriental, especialmente na área de influência geopolítica da Rússia, o que estaria estimulando uma retaliação russa na América Latina.

3. Considerações finais

Neste trabalho, buscamos apresentar nossa análise de conteúdo do material produzido por Think Tanks norte-americanos Conservadores e Progressistas que sobre a América Latina e o Brasil no período de 2016-2020. Sendo esses institutos a base institucional norte-americana do que Campbell e Pedersen definem como “Regime de Conhecimento”, a importância desses institutos se dá no fato de que eles servem como; primeiro, um “filtro” institucional nacionalmente específico a partir dos quais ideias circulam e são disseminadas. Segundo, são os institutos que produzem conhecimento politicamente orientado, que ajudam a informar a opinião pública interessada e especializada, assim como policymakers; terceiro, por meio desses institutos, podemos analisar como a polarização entre conservadores e progressistas nos Estados Unidos se reflete no âmbito das ideias em política externa.

Para os institutos conservadores, observamos uma ênfase em segurança e defesa, tanto para América Latina em si quanto para os Estados Unidos. O terrorismo é a preocupação principal direta em segurança, correlacionada na questão da imigração; tanto os fluxos migratórios da América Latina para os EUA quanto a migração de não latinos para a América Latina são enquadrados sob esse enfoque. Ao mesmo tempo, observamos preocupações sobre os possíveis efeitos que instabilidades regionais podem ter para o status geopolítico dos EUA.

Aqui, a principal crítica é que os EUA, ao reduzir seu interesse na América Latina nas últimas décadas, com exceção do México, teria aberto um vácuo de poder que permitiu com que potências adversárias, como a China, Rússia, e Irã, encontrassem espaço para expandir sua presença geopolítica, econômica, e ideológica.

Nesse sentido, observamos a presente preocupação em manter o hemisfério como uma área de influência norte-americana. As estratégias principais sugeridas são: atuar por meio do comércio, tornar os Estados Unidos um parceiro comercial e investidor, especialmente em áreas de tecnologia, energia, e comunicação – as mesmas que atualmente a China tem explorado para ampliar sua influência (ou mesmo, poderíamos dizer, dominância, sobre a região). A diferença, contudo, segundo os institutos, é que os EUA têm uma preocupação com os valores de Democracia, Direitos Humanos, e Estado de Direito, as quais a China não teria em função de seu próprio regime político; nesse sentido, parcerias comerciais com os EUA seriam mais vantajosas para a América Latina, tanto em termos econômicos quanto políticos.

Para os institutos Progressistas, observamos a centralidade de três temas – tanto para os documentos focados em Brasil quanto os documentos para a América Latina: Governança, Economia, e Direitos Humanos. No caso dos documentos a respeito do Brasil, observamos especialmente a importância do tema de Meio-ambiente. Por outro lado, identificamos um posicionamento ambivalente no que se refere à relação entre América Latina e China. Por fim, observamos que os institutos propõem um posicionamento mais técnico nas relações entre os EUA e os países na região, pautado pelo multilateralismo, e concentrando-se especialmente em fortalecer o regime de Direitos Humanos, reduzir a desigualdade econômica, e proteção ao meio-ambiente.

No cômputo geral, a maioria do material produzido se concentra em duas regiões: México e Triângulo Norte. Esse foco se justifica tanto pela proximidade com esses países quanto ao fato de que o México é um importante parceiro comercial, e a principal via para imigrantes que buscam entrar nos Estados Unidos. Na América do Sul, dois países se destacam: o Brasil e a Venezuela.

Sobre a Venezuela observamos duas posições dissonantes representadas pelos dois principais institutos progressistas da nossa análise: WOLA e COHA. O primeiro é crítico ao governo de Maduro, aponta para os casos de corrupção, violação de Direitos Humanos, e para fraudes eleitorais. Além disso, apesar de reconhecer alguns avanços sociais promovidos pelos governos de Hugo Chávez, aponta para a falta de responsabilidade fiscal, e falta de investimentos em políticas que tornassem o país mais produtivo e menos dependente da extração de commodities. Também denunciam a erosão ao sistema democrático promovida nos anos Chávez, e reforçada

nos anos Maduro. Para o COHA, por outro lado, esses governos representam experiências socialistas bem-sucedidas, democráticas e legítimas, que estão sob ataque.

Em termos formais, é importante destacar que grande parte do material analisado é composto por textos curtos, editoriais, e ocasionalmente relatórios e handbooks, como a Cato Handbook for Policymakers. Parte desse material, tanto no caso de institutos progressistas quanto conservadores, também é publicado em outros outlets de mídia, de modo a ajudar na divulgação. De modo geral, ambos os grupos de institutos se preocupam em como pensar o papel dos EUA em um mundo mais interdependente e multipolar.

REFERÊNCIAS

- ABELSON, D. Think Tanks American Style. Em: ABELSON, D.; BROOKS, S.; HUA, X. (Eds.). **Think Tanks, Foreign Policy and Geo-Politics: Pathways to Influence**. 1st edition ed. [s.l.] Routledge, 2016.
- ABELSON, D. E. From Policy Research to Political Advocacy: The Changing Role of Think Tanks in American Politics. **Canadian Review of American Studies**, v. 25, n. 1, p. 93–126, 1995.
- ABELSON, D. E. **A Capitol Idea: Think Tanks And US Foreign Policy**. Montreal; Ithaca New York: McGill-Queen's University Press, 2006.
- ARALDI, L.; SVARTMAN, E. M. Rede Atlas, Think Tanks e a construção da liberalização econômica no Brasil: uma análise do Instituto Millenium e do Instituto Ludwig Von Mises Brasil. **Conexão - Comunicação e Cultura**, v. 18, n. 35, 29 fev. 2020.
- BÉLAND, D. et al. (EDS.). Introduction: Ideas and Politics. Em: **Ideas and Politics in Social Science Research**. Oxford University Press, 2010.
- BENSMAN, T. **Terrorist Infiltration Threat at the Southwest Border: The National Security Gap in America's Immigration Enforcement Debate**. [s.l.] Center for Immigration Studies, 2018.
- BERMAN, I. Peril in Peru. **Foreign Affairs**, Acesso em: 17 jan. 2017.
- BLANK, S. **Russia is meddling in Latin America, too | American Foreign Policy Council**. Disponível em: <<https://www.afpc.org/publications/articles/russia-is-meddling-in-latin-america-too>>. Acesso em: 5 jun. 2023.
- BLANK, S. **Russia's New Venezuelan Base: The Evolving Strategic Context. Second Line of Defense**, 26 dez. 2018. Disponível em: <<https://sldinfo.com/2018/12/russias-new-venezuelan-base-the-evolving-strategic-context/>>. Acesso em: 5 jun. 2023
- BLYTH, M. **Great Transformations: Economic Ideas and Institutional Change in the Twentieth Century**. New York: Cambridge University Press, 2002.
- BLYTH, M. **Austerity: The History of a Dangerous Idea**. Oxford; New York: Oxford University Press, USA, 2013.

BLYTH, M. M. “Any More Bright Ideas?” The Ideational Turn of Comparative Political Economy. **Comparative Politics**, v. 29, n. 2, p. 229–250, 1997.

CAMPBELL, J. L.; PEDERSEN, O. K. **The National Origins of Policy Ideas: Knowledge Regimes in the United States, France, Germany, and Denmark**. Edição: 1 ed. Princeton University Press, 2014.

CATO INSTITUTE. **Cato Handbook for Policymakers: Cato Handbook For Policymakers, 8th Edition (2017) | Cato Institute**. Disponível em: <<https://www.cato.org/cato-handbook-policymakers/cato-handbook-policy-makers-8th-edition-2017>>. Acesso em: 26 maio. 2023.

COUTINHO, L. **Turning the Tables: How Brazil Defeated an ISIS Threat**. **Center for a Secure Free Society**, 28 set. 2017. Disponível em: <<https://www.securefreesociety.org/research/september-2017-issue-5/>>. Acesso em: 2 jun. 2023

COUTINHO, L. **A Conquista Esplêndida (The Splendid Conquest) Executive Summary**. **Center for a Secure Free Society**, 2019. Disponível em: <<https://www.securefreesociety.org/research/a-conquista-esplendida-the-splendid-conquest-executive-summary/>>. Acesso em: 5 jun. 2023

CROPSEY, S. **China Sets Its Sights on South America | Hudson**. Disponível em: <<https://www.hudson.org/node/41367>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

DICKSON, P. **Think Tanks**. [s.l.] Atheneum, 1971.

DROR, Y. Required breakthroughs in Think Tanks. **Policy Sciences**, v. 16, n. 3, p. 199–225.

ELLIS, E. **Russian Engagement in Latin America: An Update**. **COHA**, 19 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.coha.org/russian-engagement-in-latin-america-an-update/>>. Acesso em: 9 set. 2022

FARIA, A. L. B.; CHAIA, V. Os institutos liberais e a consolidação da hegemonia neoliberal na América Latina e no Brasil. **Cadernos Metrôpole**, v. 22, p. 1059–1080, 19 ago. 2020.

FISCHER, F. American Think Tanks: Policy Elites and the Politicization of Expertise. **Governance**, v. 4, n. 3, p. 332–353, 1991.

FLEISCHMAN, L. **Iran In Latin America: Identifying The Problem and How We Need To Confront It**. **Center for Security Policy**, 1 fev. 2018a. Disponível em: <<https://centerforsecuritypolicy.org/iran-in-latin-america-identifying-the-problem-and-how-we-need-to-confront-it/>>. Acesso em: 2 jun. 2023

FLEISCHMAN, L. **China’s soft economic power grows in Latin America but US can play a more important card**. **Center for Security Policy**, 7 set. 2018b. Disponível em: <<https://centerforsecuritypolicy.org/chinas-soft-economic-power-grows-in-latin-america-but-u-s-can-play-a-more-important-card/>>. Acesso em: 5 jun. 2023

FRANKLIN, L. A. **Chinese Military Bases in The Caribbean?** Disponível em: <<https://www.gatestoneinstitute.org/16813/china-military-caribbean>>. Acesso em: 30 maio. 2023.

GRAY, C. S. “Think Tanks” and Public Policy. **International Journal**, v. 33, n. 1, p. 177–194, 1977.

GUSTAFSON, I. **The Dubious Impact of Chinese Investment in Latin America**. COHA, 1 jun. 2016. Disponível em: <<https://www.coha.org/the-dubious-impact-of-chinese-investment-in-latin-america/>>. Acesso em: 9 set. 2022

HAAS, L. J. **China, Russia, Iran rise in Latin America as US retreats**. **The Hill**, 2019. Disponível em: <<https://thehill.com/opinion/international/440348-china-russia-iran-rise-in-latin-america-as-us-retreats/>>. Acesso em: 29 maio. 2023

HAAS, P. M. Introduction: Epistemic Communities and International Policy Coordination. **International Organization**, v. 46, n. 1, p. 1–35, 1992.

HAAS, R. N. The Role of Think Tanks in U.S. Foreign Policy. **U.S. Foreign Policy Agenda**, 1 nov. 2002.

HALL, P. A. (ED.). **The Political Power of Economic Ideas: Keynesianism Across Nations**. Princeton, N.J: Princeton University Press, 1989.

HIDALGO, J. C. **Corruption and the Rule of Law: Could Brazil Be the Envy of Latin America?** | **Cato at Liberty Blog**. Disponível em: <<https://www.cato.org/blog/corruption-rule-law-could-brazil-be-envy-latin-america>>. Acesso em: 2 jun. 2023.

HIDALGO, J. C. **Venezuela Is on the Verge of a Massive Humanitarian and Economic Collapse. the Culprit? Socialism.** | **Cato Institute**. Disponível em: <<https://www.cato.org/commentary/venezuela-verge-massive-humanitarian-economic-collapse-culprit-socialism>>. Acesso em: 26 maio. 2023.

HOPF, T. The Promise of Constructivism in International Relations Theory. **International Security**, v. 23, n. 1, p. 171–200, 1998.

HOPF, T. **Social Construction of Foreign Policy: Identities and Foreign Policies, Moscow, 1955 and 1999**. Illustrated edição ed. Ithaca: Cornell University Press, 2002.

HUMIRE, J. M. **Iran’s Next Move: Arms Transfers to South America?** Disponível em: <<https://www.gatestoneinstitute.org/16643/iran-weapons-south-america>>. Acesso em: 2 jun. 2023.

ISACSON, A.; MEYER, M.; SMITH, H. **WOLA Report: Mexico’s Southern Border - Security, Central American Migration, and U.S. Policy**. [s.l.] WOLA, jun. 2017. Disponível em: <<https://www.wola.org/analysis/wola-report-mexicos-southern-border-security-central-american-migration-u-s-policy/>>. Acesso em: 9 set. 2022.

KELLY, S. **This Is How China Is Slowly Creeping into Latin America** | **Hudson**. Disponível em: <<https://www.hudson.org/technology/this-is-how-china-is-slowly-creeping-into-latin-america>>. Acesso em: 30 maio. 2023.

KHONG, Y. F. **Analogies at War: Korea, Munich, Dien Bien Phu, and the Vietnam Decisions of 1965**. 1 edition ed. Princeton, N.J: Princeton University Press, 1992.

LAFASO, V. **The Iran Doctrine in Latin America: A Threat to Hemispheric Security?** COHA, 2 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.coha.org/the-iran-doctrine-in-latin-america-a-threat-to-hemispheric-security/>>. Acesso em: 9 set. 2022

LORENZON, G. **Corruption and the Rule of Law: How Brazil Strengthened Its Legal System** | Cato Institute. Disponível em: <<https://www.cato.org/policy-analysis/corruption-rule-law-how-brazil-strengthened-its-legal-system>>. Acesso em: 2 jun. 2023.

LUIZ, J. V. R. **Crise da ciência política behavioralista e as origens os think tanks nos Estados Unidos**. TESE—Rio de Janeiro: UERJ, 22 dez. 2017.

MAGALHÃES, D. A. DE. **Os think tanks norte-americanos e a reconstrução do Iraque: divergências e convergências entre liberais e neoconservadores**. São Paulo: PUC-SP, 15 dez. 2008.

MASON, R.; MORGAN, I. (EDS.). **The Liberal Consensus Reconsidered: American Politics and Society in the Postwar Era**. 1ª edição ed. [s.l.] University Press of Florida, 2019.

MAYRING, P. Qualitative Content Analysis. **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research**, v. 1, n. 2, 30 jun. 2000.

MCGANN, J. Introduction: Social Development, Think Tanks, and Policy Advice. Em: **How Think Tanks Shape Social Development Policies**. [s.l.] University of Pennsylvania Press, 2014.

MCGANN, J. 2020 Global Go To Think Tank Index Report. **TTCSP Global Go To Think Tank Index Reports**, 28 jan. 2021.

MCGANN, J. G. Academics to Ideologues: A Brief History of the Public Policy Research Industry. **PS: Political Science & Politics**, v. 25, n. 4, p. 733–740, dez. 1992.

MCGANN, J. G. (ED.). **Think Tanks, Foreign Policy and the Emerging Powers**. Softcover Reprint of the Original 1st 2019 ed. edição ed. [s.l.] Palgrave MacMillan, 2019.

MEAD, Walter Russell. **The Noose Tightens in Brazil**. Disponível em: <<https://www.hudson.org/foreign-policy/the-noose-tightens-in-brazil>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

MEDVETZ, T. **Think Tanks in America**. Illustrated edição ed. Chicago, Ill.: University of Chicago Press, 2014.

ORLANS, H. **The Nonprofit Research Institute. Its Origin, Operation, Problems, and Prospects**. McGraw-Hill, 1972.

PANNELL, J. **Does the United States Care About Democracy in Venezuela?** COHA, 25 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.coha.org/does-the-united-states-care-about-democracy-in-venezuela/>>. Acesso em: 9 set. 2022

PARMAR, I. **Think Tanks and Power in Foreign Policy: A Comparative Study of the Role and Influence of the Council on Foreign Relations and the Royal Institute of International Affairs, 1939-1945**. [s.l.] Palgrave Macmillan UK, 2004.

PINHEIRO, A. C. **Pensando os Think Tanks: Uma revisão da produção acadêmica brasileira.** Monografia—Florianópolis, Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 15 jul. 2019.

QUINTANA, A. R. **Top Priorities for U.S. Policy Toward Latin America and the Caribbean in 2016.** Disponível em: <<https://www.heritage.org/americas/report/top-priorities-us-policy-toward-latin-america-and-the-caribbean-2016>>. Acesso em: 29 maio. 2023a.

QUINTANA, A. R. **Central America Should Not Worry About Trump's Election.** Disponível em: <<https://www.heritage.org/americas/commentary/central-america-should-not-worry-about-trumps-election>>. Acesso em: 29 maio. 2023b.

RAFIZADEH, M. **Iran's Mullah, the Master of Terror Cells in the World.** Disponível em: <<https://www.gatestoneinstitute.org/16675/iran-terror-cells>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

RICCI, D. M. **The Transformation of American Politics: The New Washington and the Rise of Think Tanks.** Revised edition. Yale University Press, New Haven & London, 1994.

RICH, A. **Think Tanks, Public Policy, and the Politics of Expertise.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ROBERTS, J. M. **Chinese Challenge in Panama.** Disponível em: <<https://www.heritage.org/americas/commentary/chinese-challenge-panama>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

ROSALES, E. **Argentina and Washington: United On Security, Divided On Trade.** COHA, 21 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.coha.org/argentina-and-washington-united-on-security-divided-on-trade/>>. Acesso em: 9 set. 2022

SCHMIDT, V. A. Discursive Institutionalism: The Explanatory Power of Ideas and Discourse. **Annual Review of Political Science**, v. 11, n. 1, p. 303–326, 2008.

SCHREIER, M. **Qualitative Content Analysis in Practice.** 1ª edição ed. SAGE Publications Ltd, 2012.

STONE, D. **Capturing the Political Imagination: Think Tanks and the Policy Process.** 1ª edição ed. London: Routledge, 1996.

STONE, D. **Knowledge Actors and Transnational Governance: The Private-Public Policy Nexus in the Global Agora.** 2013ª edição ed. Basingstoke, Hampshire: Palgrave MacMillan, 2013.

STONE, D.; HIGGOTT, R. The Limits of Influence: Foreign Policy Think Tanks in Britain and the USA. **Review of International Studies**, v. 20, n. 1, p. 15–34, 1994.

TEIXEIRA, T. **Think tanks e neocons norte-americanos no governo Bush: A arte de pensar o impossível no Pós 11 de setembro.** Dissertação—Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2006.

Think Tanks, Politics, and the Casualties in the War of Ideas (James McGann - Acton Institute). 2 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Aoty0NiXnEw>>. Acesso em: 3 ago. 2023

US DEPARTMENT OF THE TREASURY. **Treasury Sanctions Drug Trafficking and Money Laundering Network Led by Former Senior Venezuelan Intelligence Official**. Disponível em: <<https://home.treasury.gov/news/press-releases/sm0381>>. Acesso em: 2 jun. 2023.

VIDAL, C. F.; LOPEZ, J. (Re)Thinking Latin American Dependency: Atlas Network and partner institutes in Bolsonaro's Government. **Revista Brasileira de Ciência Política**, p. e255192, 27 jun. 2022.

VIDAL, C. F.; LOPEZ, J.; BRUM, L. The Power of Ideas: The Fórum da Liberdade, 1988-2018. **Contexto Internacional**, v. 42, p. 55–79, 17 jul. 2020.

WEAVER, R. K. The Changing World of Think Tanks. **PS: Political Science & Politics**, v. 22, n. 3, p. 563–578, set. 1989.

WIETCHIKOSKI, L. O Tio Sam de olho no Brasil: análise da visão dos think tanks estadunidenses sobre a política externa brasileira nos BRICS (2009-2016): **Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas**, v. 9, n. 2, p. 57–76, 28 jun. 2021.

WIETCHIKOSKI, L.; PREUSSER DE MATTOS, F.; FRANÇA, A. M. A Inserção Internacional do Brasil segundo Os Think Tanks dos Estados Unidos, da Alemanha e da França (2003-2014) | Wietchikoski | NAVAL WAR COLLEGE JOURNAL. **Revista da Escola de Guerra Naval**, v. 25, n. 2, 2019.

WOLA. **Trends of the Decade: the Path to Drug Policy Reform**. Disponível em: <<https://www.wola.org/analysis/human-rights-trends-2010s-drug-policy-reform/>>. Acesso em: 9 set. 2022.